

## 40 - Adolpho Lutz, uma vida dedicada à ciência

Joffre Marcondes de Rezende

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

REZENDE, JM. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Adolpho Lutz, uma vida dedicada à ciência. pp. 349-353. ISBN 978-85-61673-63-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

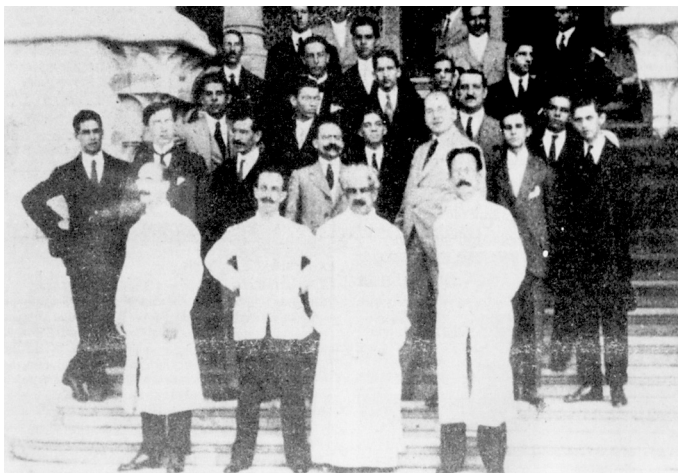
---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

*Adolpho Lutz, uma Vida Dedicada à Ciência\**

À frente, Arthur Neiva, Carlos Chagas, Oswaldo Cruz e Adolpho Lutz, no Instituto de Manguinhos (RJ), em 1915.

**N**a constelação dos construtores da medicina científica no Brasil, destaca-se como estrela de primeira grandeza o cientista Adolpho Lutz. Descendente de família suíça, nasceu no Rio de Janeiro em 18 de dezembro de 1855. Seus pais haviam emigrado para o Brasil em 1849, porém, temendo as doenças epidêmicas que grassavam em nosso país, retornaram à Berna, sua cidade natal, em 1857, quando o pequeno Adolpho contava apenas dois anos. Lá ele viveu, educou-se e realizou seu curso médico, concluído em 1879.

Em virtude de sua família haver retornado ao Brasil em 1864, fixando-se no Rio de Janeiro, Lutz também voltou em 1881. Revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, aos 26 anos, iniciou sua brilhante trajetória que o imortalizaria na história da ciência brasileira.

Bacellar, assim como Benchimol, analisando os dados biográficos de Adolpho Lutz, dividem sua vida profissional e científica em três períodos

\* Publicado em *Ética Revista*, 5 (3), pp. 26-27, 2007.

(Bacellar, 1963, pp. 91-104; Benchimol, 2003, pp.13-83). O primeiro, de 1879 a 1892, caracteriza-se por sua atividade como médico. Inicialmente, clinicou em Petrópolis no primeiro semestre de 1882 e, a seguir, transferiu-se para Limeira, no estado de São Paulo, onde permaneceu até 1885. Com sua sólida formação médica e aguçada observação clínica, descreveu neste período uma nova doença, a acrodinia infantil.

Interessado no estudo da hanseníase, voltou à Europa para frequentar a afamada clínica dermatológica do prof. Unna, em Hamburgo, onde permaneceu por dois anos. De volta ao Brasil foi convidado em 1889 para trabalhar em um importante leprosário no Havaí, onde ficou até 1892. Nesse período, além dos estudos sobre a lepra, colheu muitos dados sobre insetos e parasitos e realizou estudos sobre o abscesso hepático e a disenteria amebiana, distinguindo-a da disenteria bacilar, o que foi confirmado anos depois por Shiga.

No Havaí, trabalhava como voluntária, nesse mesmo leprosário, uma enfermeira inglesa de nome Amy Lower, por quem Lutz se apaixonou e com quem se casou em 1891, antes de seu regresso ao Brasil. Aqui chegando, Lutz recebeu a infausta notícia do falecimento recente de sua mãe e, como seu pai já havia falecido antes, o casal decidiu fixar residência em São Paulo.

Neste mesmo ano de 1892, o governo do estado de São Paulo criou o Instituto Bacteriológico, nomeando para diretor o biologista francês Félix Le Dantec e para vice-diretor Adolpho Lutz. Um ano depois, Le Dantec decidiu regressar à França e, em carta de rescisão de contrato, dizia que Lutz era mais competente do que ele, por ser ao mesmo tempo médico e naturalista, capaz de realizar trabalhos de natureza clínica e de investigação.

Começa a partir daí a segunda fase na vida de Adolpho Lutz, que vai de 1893 a 1908. Nomeado diretor do instituto, em substituição a Le Dantec, revelou-se um administrador capaz e um líder empenhado na tarefa de criar a primeira escola de medicina experimental e de implantar a medicina científica no Brasil.

Apesar de seus muitos afazeres como diretor do instituto e sua preocupação em colaborar na solução dos problemas ligados à saúde pública, ainda se dedicava a pesquisas originais em diferentes setores, como a entomologia, parasitologia, protozoologia e micologia. Interessou-se particularmente pelo

estudo dos insetos hematófagos, reunindo uma coleção de mais de dois mil exemplares, dentre os quais 36 espécies novas por ele descritas. Foi o descobridor da febre amarela silvestre, antes conhecida apenas na sua forma de doença urbana.

Quando o cólera asiático foi introduzido no Brasil, Lutz foi quem primeiro isolou das fezes de um imigrante e cultivou o bacilo, em 1893. Este achado foi posto em dúvida, até que o cólera se tornou epidêmico no país.

No final do século XIX se alastrava no estado de São Paulo as chamadas “febres paulistas”, cuja etiologia era desconhecida. Lutz identificou-as à febre tifoide, contrariando as opiniões que então prevaleciam entre as maiores autoridades médicas.

Em 1901 participou como voluntário das experiências de Emílio Ribas, destinadas a comprovar a descoberta feita em Cuba, da transmissão vetorial da febre amarela, deixando-se picar pelo mosquito, com risco da própria vida.

Lutz introduziu a prática da traqueostomia no tratamento de casos graves de difteria no Hospital de Isolamento, ensinando aos jovens médicos a técnica deste procedimento.

Suas pesquisas em parasitologia ampliaram notavelmente os conhecimentos sobre as parasitoses intestinais, especialmente da ancilostomíase. No campo da micologia, estudou a esporotricose e descreveu a paracoccidiodomicose, que se tornou conhecida pelo epônimo de blastomicose de Lutz ou doença de Lutz.

Lutz é também considerado pioneiro da medicina veterinária no Brasil por suas pesquisas sobre parasitos de animais, especialmente por seus estudos na ilha de Marajó sobre o mal de cadeiras, enzootia causada pelo *Trypanosoma equinum* (ou *evansi*), que acomete os equinos e outros animais, especialmente em regiões pantanosas ou alagadiças.

Na qualidade de diretor do Instituto Bacteriológico sofreu muitos dissabores e campanhas de desabono à sua pessoa e à instituição que dirigia, não somente por parte da imprensa leiga como de destacados médicos apegados à medicina tradicional.

Quando o instituto confirmou oficialmente a existência da epidemia de peste bubônica em Santos, em 1899, houve verdadeira revolta dos comerciantes locais contra a notícia alarmista que iria prejudicar o comércio marítimo e a vida econômica da cidade.

Desejando ir a Santos, onde já se encontrava Vital Brazil, para verificar a situação *in loco*, foi impedido de embarcar pelo próprio gerente da São Paulo Railways, que temia pela sua segurança.

Em 1908, Lutz deixou a direção do instituto e aceitou o convite de Oswaldo Cruz para trabalhar no Instituto de Manguinhos. Impôs uma única condição: dedicar-se unicamente à pesquisa e jamais ocupar cargo ou função de natureza administrativa.

Teve início, então, o terceiro período de sua vida, que se estendeu até o seu falecimento em 1940. Em Manguinhos encontrou ambiente tranquilo, apoio e condições ideais para dedicar-se inteiramente à pesquisa científica. Dedicou-se principalmente às áreas de entomologia clínica, helmintologia e zoologia, sendo particularmente relevantes seus estudos sobre o *Schistosoma mansoni*.

Possuidor de vasta erudição e dominando vários idiomas, seus artigos foram publicados em alemão, inglês, francês, espanhol, além de português. No necrológico de autoria de Arthur Neiva sobre a personalidade e a obra de Lutz (Neiva, 1941, pp. 1-23), há menção ao total de 211 trabalhos originais publicados por Lutz entre 1878 e 1939.

São de Carlos Chagas as seguintes palavras sobre Adolpho Lutz quando este completou setenta anos, atingindo a idade da aposentadoria compulsória oficial estabelecida em lei:

A obra científica de Adolpho Lutz é, sem dúvida, a mais notável que haja sido realizada em nosso país, por um só pesquisador. Esse homem extraordinário, venerável e venerado, é um patrimônio da nossa raça e um dos melhores símbolos da nossa capacidade científica. Dele nos orgulhamos hoje e mais nos orgulharemos no futuro, pela projeção, no tempo, de seus feitos e de seu gênio, pela perpetuidade das criações de seu espírito iluminado (Chagas, 1940, pp. 129-136).

Lutz pertencia a numerosas sociedades científicas e recebeu em vida muitas homenagens, títulos honoríficos, medalhas e prêmios, cumprindo destacar o prêmio Einstein conferido pela Academia Brasileira de Ciências.

O casal Lutz teve dois filhos: Bertha Lutz, zoóloga do Museu Nacional, e Gualter Adolpho, que se dedicou à medicina legal. Bertha tentou várias vezes publicar o acervo científico deixado por seu pai, sem o conseguir. O material por ela coletado permaneceu por muitos anos no Museu Nacional

até que foi recuperado e preservado pela Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz.

Sob a direção dos pesquisadores Jaime L. Benchimol e Magali Romero, e a colaboração de uma equipe de historiadores, a Casa de Oswaldo Cruz publicou em edição monumental de cinco volumes, com vários tomos, a obra completa de Adolpho Lutz, que inclui não somente sua produção científica, como sua volumosa correspondência internacional de caráter científico e outros documentos inéditos (Benchimol, Sá, Becker *et al.*, 2003, pp. 287-409). Trata-se de uma obra de referência definitiva sobre este grande cientista.

Adolpho Lutz faleceu a 6 de outubro de 1940, poucas semanas antes de completar 85 anos, em sua residência no Rio de Janeiro.

### *Referências Bibliográficas*

- BACELLAR, R. C. *Brazil's Contribution to Tropical Medicine and Malaria*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1963.
- BENCHIMOL, J. L. “Adolpho Lutz: Um Esboço Biográfico”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 10, pp. 13-83, 2003.
- BENCHIMOL, J. L.; SÁ, M.R.; BECKER, J. *et al.* “Adolpho Lutz e a História da Medicina Tropical no Brasil”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 10, pp. 287-409, 2003.
- CHAGAS, C. “Adolpho Lutz”. In RIBEIRO, L. *Medicina no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1940.
- NEIVA, A. “Necrológio do Professor Adolpho Lutz”. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 36 (1), pp. 1-23, 1941.

